



Algumas Reflexões Acerca dos Lugares de Memória do Movimento Operário Paulistano

Frederico Duarte Bartz¹

Resumo

O artigo trata dos lugares de memória do movimento operário na cidade de São Paulo. Durante o final do século XIX e o começo do século XX, a cidade de São Paulo passou por um grande crescimento urbano e uma forte expansão do seu parque industrial. A classe trabalhadora paulistana organizou um poderoso movimento associativo, que se enraizou nos bairros fabris, construindo redes de solidariedade. Mais de um século depois, ocorreu um apagamento da memória dos lugares de organização e mobilização do movimento operário, fazendo com que uma parte fundamental da história da cidade permaneça esquecida.

Palavras-Chave

Cidade de São Paulo, Classe Trabalhadora, Movimento Operário, Lugares de Memória, Bairros Fabris.

Abstract

The article deals with the places of memory of the labor movement in the city of São Paulo. During the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, the city of São Paulo underwent a great urban growth and a strong expansion of its industrial park. São Paulo city working class organized a powerful associative movement, which took root in the industrial districts, building networks of solidarity. More than a century later, the memory of the places of organization and mobilization of the workers' movement was erased, causing a fundamental part of the city's history to remain forgotten.

Keywords

City of São Paulo, Working Class, Workers' Movement, Places of Memory, Factory Districts.

¹ Doutor em História pela UFRGS e Técnico em Assuntos Educacionais na mesma Universidade.

Introdução

Neste artigo, procuro discutir os lugares de memória da classe operária na cidade de São Paulo, abordando alguns locais vinculados ao movimento operário organizado, tendo como recorte temporal a Primeira República (1889-1930). Esse marco se justifica pelo processo de industrialização e pelas diversas modificações urbanas que São Paulo sofreu no período, quando se constituíram diversos espaços identificados com a classe trabalhadora na metrópole. A escolha de lugares vinculados às organizações se explica, por sua vez, pelo intenso movimento associativo, em que os militantes buscaram construir territorialidades próprias, onde foi cimentado um forte sentimento de classe. Por fim, este texto procura mostrar o apagamento dessa memória classista a partir da análise de alguns casos específicos, em que a importância histórica dos lugares permaneceu anônima ou a memória do movimento operário foi simplesmente excluída.

Lugares de Memória e o Patrimônio Vinculado ao Movimento Operário

Nas últimas décadas se intensificaram os estudos sobre o patrimônio industrial e sobre a experiência histórica da classe operária, mas ainda existem poucos estudos sobre os lugares de memória da classe trabalhadora em seu processo de organização. Uma das questões mais problemáticas é que o processo de construção da classe, a partir de um esforço organizativo e de mobilização, deixa marcas muito tênues no espaço da cidade.

A geógrafa Simoni Scifoni, a partir das reflexões realizadas sobre o conceito de “lugar de memória” pela historiadora Madeleine Rebérioux (Rebérioux, 1992: 47-56), procurou identificar os diferentes tipos de espaços de memória proletária na metrópole paulistana. Nessa elaboração, Scifoni chega a quatro tipologias diferentes: os lugares de vida cotidiana, os lugares de trabalho, os lugares de moradia e os lugares de luta (Scifoni, 2013: 98-110). Gostaria de me deter nessa última categoria (os lugares de luta), pensando esses como locais de organização e de ação coletiva. Com efeito, esses talvez sejam os espaços mais difíceis de serem resgatados e mais propensos ao esquecimento no tempo presente.

Diferente das fábricas e das usinas, com suas chaminés que dominam os bairros fabris, ou das vilas operárias, com seus padrões similares de casas que se destacam na paisagem suburbana, as antigas sedes de sindicatos ou outras associações de classe não são facilmente identificáveis, inclusive porque sua existência quase sempre foi modesta ou efêmera. Foram poucas as organizações que se mantiveram por longo tempo, legando uma sede ou outro local de sociabilidade que permitisse a perpetuação de sua memória.

Quando iniciei minhas pesquisas sobre o tema, que se desdobraram nos “Caminhos Operários em Porto Alegre” (Bartz, 2019: 63-77), me deparei de forma mais concreta com os problemas de preservação da presença militante, inclusive porque aí atuaram uma série de processos deliberados de apagamento da rebeldia operária, assim como de gentrificação e de profundas mudanças urbanas. Esse conjunto de processos não atuou apenas em Porto Alegre, mas foi verificado em todos os grandes centros urbanos do país.

Ao escrever sobre os lugares de memória do movimento operário é necessário abordar também um processo mais geral que marcou o final do século XIX e a primeira metade do século XX, que foi a industrialização, agente transformador de pequenas cidades provincianas em grandes centros capitalistas. O avanço da indústria, a constituição de um mercado de trabalho livre e a formação de bairros operários ensejaram a formação de espaços de resistência, de territórios e de lugares marcados pela solidariedade obreira e pela luta contra o capital.

Territórios Operários na Cidade do Capital

Até a década de 1880, São Paulo era uma cidade relativamente pequena, com uma população de cinquenta mil habitantes, periférica em relação aos polos mais dinâmicos localizados no litoral brasileiro. A urbe possuía a tradição da Faculdade de Direito, que atraía os filhos das elites de diferentes províncias, mas também sofria com o isolamento em relação às outras capitais, condicionado por sua localização montanhosa. Com a expansão do plantio do café, na segunda metade do século XIX, a província de São Paulo se tornou cada vez mais relevante economicamente e a elite cafeicultora passou a acumular riqueza.

O excedente de capital resultante da venda do café foi reinvestido em indústrias para abastecer o mercado local, dando origem a uma burguesia intimamente vinculada aos interesses agroexportadores (Hardman e Leonardi, 1982: 43-89).

A implantação de uma malha ferroviária para escoar a produção de café, que tinha em São Paulo um entroncamento privilegiado, incrementou o papel econômico da cidade e incentivou a implantação de fábricas na região. No final do Império e no início da República, a Abolição da Escravatura e a chegada massiva de imigrantes (principalmente italianos) para trabalhar nas fazendas vão se refletir na estrutura urbana da cidade: muitos se dirigiram para a capital como forma de fugir das péssimas condições de trabalho no campo, formando um grande fluxo migratório de pessoas em busca de uma vida melhor (Marchezin, 2017: 43-47). Esse processo continuou ao longo do século XX, também com a chegada de migrantes nacionais, principalmente a partir de 1930, em um afluxo constante que extrapolou os limites da capital em direção às cidades vizinhas (Toledo, 2011: 166-185).

As fábricas paulistanas foram instaladas próximas às ferrovias e aos leitos dos rios, crescendo em torno delas e a partir desses caminhos uma série de bairros operários como Barra Funda, Bixiga, Belenzinho, Mooca, Brás, Pari, Ipiranga, Cambuci, Pompéia, Lapa e Bom Retiro. Esses arrabaldes constituíram um semicírculo que cercava o espigão central e os bairros burgueses, onde os trabalhadores tinham uma vida em comum, ao mesmo tempo que ameaçavam a elite com sua proximidade geográfica (Hardman e Leonardi, 1982: 146-149). Para se ter uma ideia da expansão populacional no período estudado, em 1890, a cidade possuía 63 mil habitantes; em 1900, 239 mil e em 1920, chegava a 579 mil (Marchezin, 2017: 44).

Desde o início desse intenso processo de urbanização, a elite paulistana procurou disciplinar e controlar a mão-de-obra que vivia nos bairros operários de diversas formas, desde a repressão direta até a difusão de um discurso higienista (Rago, 1985: 163-199). A classe trabalhadora, por sua vez, também construiu espaços de convívio e solidariedade, com a formação de sindicatos, de organizações culturais e organizações identificadas com seus locais de moradia (como as ligas operárias de bairro). Nos diversos bairros da cidade se constituíram territórios operários e uma territorialidade específica do movimento, dotando de sentido os espaços que eram palco das mobilizações. Um exemplo paradigmático ocorreu na

1. O Túmulo de José Martinez (Pacaembu): A Greve Geral de 1917 em São Paulo foi uma das mais importantes mobilizações coletivas da classe trabalhadora brasileira na Primeira República, tendo servido como catalisadora de várias outras paralisações em diferentes cidades do país. O movimento paredista tinha suas raízes no deterioramento das condições de vida do proletariado, mas também em um processo de preparação prévia a partir da organização de militantes anarquistas (Lopreato, 2000: 84-102). Greves parciais nas tecelagens estavam em desenvolvimento quando, no dia 9 de julho, o sapateiro espanhol José Martinez foi assassinado pela polícia em frente à Fábrica Mariângela, causando uma profunda comoção popular.

O cortejo do funeral, que ocorreu no Cemitério do Araçá, atraiu uma multidão proletária, que depois se reuniria em um comício na Praça da Sé, o que foi decisivo para a adesão de diversas categorias profissionais, dando-se a partir daí a generalização do movimento para toda a cidade. Conforme José Luiz Del Roio, além de Martinez, mais de uma centena de operários e operárias foram assassinados durante a Greve Geral, tendo sido enterrados clandestinamente naquele cemitério, o que reforça a necessidade de resgatar essa memória, que também é da repressão efetuada pelo Estado (Del Roio, 2017: 86-94).

Um século depois, por iniciativa da Central Única dos Trabalhadores, do Partido dos Trabalhadores e da Fundação Perseu Abramo, foi inaugurada uma placa em homenagem a Martinez, no seu túmulo, situado na quadra 132 do Cemitério do Araçá, transformando aquele espaço em um lugar de memória. Na placa está escrito: “Em honra de José Martinez. Aqui enterrado no dia 10 de julho de 1917, e a todos e todas que fizeram a Greve Geral daquele ano”, seguindo logo depois os nomes das entidades que prestaram a homenagem. O que deve ser destacado é que este é um dos poucos monumentos públicos às lutas coletivas da classe trabalhadora na cidade, o que deveria ser replicado em outros espaços, como será mostrado nos próximos exemplos.



Memorial e Túmulo de José Martinez – Acervo do autor.



Memorial e Túmulo de José Martinez – Acervo do autor.

2. A Praça da Sé (Sé): A Praça da Sé é um logradouro central da capital paulista. Esse espaço não está vinculado à memória de um determinado grupo social específico, visto que diversos episódios de enorme importância histórica tiveram lugar naquela praça, como a Revolta dos Galinhas Verdes, em 1934, o Ato Ecumênico em homenagem a Vladimir Herzog, em 1975, e o Comício das Diretas Já em 1984. Em relação à história do movimento operário, é necessário recordar que um dos maiores comícios da Greve Geral de 1917 foi realizado naquele lugar: logo depois do funeral do operário José Martinez, uma multidão se dirige para promover um grande *meeting* na Praça da Sé. Esse foi um momento decisivo para o movimento grevista, pois foi quando a paralisação se generalizou; também é significativo pois é a ocasião em que o proletariado deixa os subúrbios industriais que cercavam o centro político e econômico da cidade (De Paula, 2017: 72-78) para se lançar sobre os espaços de poder da burguesia. Dessa forma, é possível perceber que mesmo logradouros públicos identificados com uma pluralidade de episódios também podem ser espaços de uma memória especificamente operária, que deve ser recordada para dar sentido àquele lugar.



Praça da Sé – Google Street View

3. O Cotonifício Crespi (Mooca): A fábrica de tecidos de Rodolfo Crespi e de Pietro Regoli foi fundada na região da Mooca no ano de 1897, sendo que a partir de 1904, com a saída de Regoli, ela passou a ser conhecida apenas como Cotonifício Crespi. A partir de 1904, a fábrica se expandiu, ocupando um quarteirão inteiro no bairro, se modernizando e empregando um número cada vez maior de operários e operárias (Pereira, 2007 13-16). Essa fábrica foi fundamental para o movimento de 1917, pois foi nela que se iniciou a primeira paralisação que se desdobraria em outras greves, até que a morte do jovem sapateiro José Martinez tornasse o movimento uma Greve Geral (Biondi, 2009: 289-297). Esse não é apenas um espaço de memória do trabalho (vinculado à produção), mas da memória da classe trabalhadora em seu processo de construção. Além disso, esse também é um lugar importante para a história das mulheres, pois o trabalho feminino predominava nas tecelagens e a greve também está ligada a suas reivindicações (Fraccaro, 2018: 40-49). A tecelagem fechou em 1963, sediando pequenas oficinas até que uma rede de supermercados do Rio de Janeiro comprou o prédio para instalar uma de suas lojas, inaugurada em 2005.



Antigo Cotonifício Crespi - Google Street View

4. A Casa de José Prol Bougas (Pari): No ano de 1919, o movimento operário brasileiro vinha em processo de radicalização, se articulando para colocar em marcha seu plano de Revolução Social. Uma insurreição se iniciaria em São Paulo com uma Greve Geral, mas acabou se precipitando em outubro daquele ano pela explosão ocorrida na casa de um militante libertário espanhol chamado José Prol Bougas, que faleceu na ocasião junto a outros três militantes portugueses (Bartz, 2014: 163-167). Essa casa que guardava recursos financeiros, explosivos e contatos de outros militantes (cuja descoberta pela polícia precipitou a deflagração e a repressão ao movimento) ficava na rua João Boemer, no bairro do Pari, tradicional reduto lusitano em São Paulo. No ano de 2012, através de pesquisas no Arquivo Histórico Municipal, encontrei o endereço correspondente à atualidade (rua João Boemer, n. 1047-1049), uma edificação bastante modificada. Mesmo sem nenhum aspecto particular nos dias de hoje, aquela casa pode ser considerada um lugar de memória para a classe trabalhadora paulistana (e mesmo brasileira), pois ali ocorreu um episódio decisivo de um projeto revolucionário gestado pelo movimento operário, mas que, pela ação repressiva, acabou sendo desbaratado e caiu no esquecimento.



Antiga Casa de José Prol Bougas – Google Street View

5. O Salão Celso Garcia (Sé): O Salão Celso Garcia foi um dos principais pontos de reunião dos trabalhadores paulistanos na primeira metade do Século XX; ele ficava localizado na sede da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas, uma sociedade de ajuda mútua fundada por pedreiros e carpinteiros no ano de 1891, que agregava imigrantes portugueses (Avelino, 2011: 1-9). O prédio foi construído em 1907, na antiga rua do Carmo, passando por diversas reformas ao longo dos anos. O Salão se tornou local de referência para palestras de militantes anarquistas nos anos 1910 e 1920, continuando a ser utilizado pelas organizações operárias nas décadas seguintes, até se tornar centro nevrálgico da Greve dos 300 mil, em 1953 (Cotrim, 2020). O fato de uma sociedade étnica ou mutualista ceder seu espaço para atividades de resistência não deve parecer estranho, pois o mesmo também é verificado em outras cidades. Apesar do prédio, que fica atualmente na rua Roberto Simonsen, n. 22, ter sido tombado em 1995, nos dias atuais ele está em ruínas, fruto de um incêndio ocorrido no ano de 2008. É um fato doloroso constatar que esse lugar, central na cidade de São Paulo, que seria ideal para construção de um museu ou memorial das lutas operárias, se encontra completamente abandonado.



Prédio da Associação das Classes Laboriosas – Google Street View

6. A Corporação Musical Operária da Lapa (Lapa): A Corporação Musical Operária da Lapa foi fundada no ano de 1914, mas sua origem remonta ao ano de 1881, quando foi criada a banda denominada Lyra da Lapa pelo maestro Chiaffarelli. A sua história está vinculada aos trabalhadores ferroviários da antiga São Paulo Railway Company e sua sede está localizada na rua Joaquim Machado, n. 99, no mesmo lugar desde o ano de 1930 (Hardman, 1985: 61-68). Talvez o elemento que mais chame atenção nesse caso é a perenidade de sua existência, desde o período em que a região era um bairro semi-rural, passando por mudanças políticas como a Proclamação da República, pela intensa imigração e pelo processo de industrialização, chegando até a segunda década do século XXI. Mesmo que Francisco Foot Hardman aponte que não existem tradições operárias puras, deve-se reconhecer a importância de uma organização de trabalhadores que atravessa os séculos a partir de uma identidade comum. Também é necessário ressaltar que as organizações operárias não se limitaram apenas a entidades políticas ou sindicais, mas também se constituíram em grupos artísticos ou culturais. Nesse caso, não apenas a sua sede física, mas a própria existência da Corporação é um lugar de memória da classe trabalhadora.



Corporação Musical Operária da Lapa – Google Street View

Conclusão

Entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, a cidade de São Paulo experimentou uma grande expansão urbana, principalmente de bairros proletários que cresciam nos caminhos das ferrovias e no entorno das fábricas. Nessas regiões, nasceu um movimento sindical e associativo que constituiu territórios marcados pela solidariedade de classe, onde existiam sindicatos, salões, clubes, ruas e praças que foram palco de diversas mobilizações e atos de solidariedade de classe. Essas ações não se deram apenas nos bairros, mas também ocorreram na região central da cidade, lugar de sociabilidade da elite política e econômica da metrópole. Passado mais de um século do início desse processo, as marcas dessa memória operária estão muito frágeis ou foram apagadas. As razões disso são diversas, mas entre elas estão processos de gentrificação, de mudanças econômicas, de quebra de tradições comunitárias e também de esquecimento deliberado das elites em relação à memória das lutas proletárias. No presente artigo foram abordados diversos exemplos de lugares cuja memória foi apagada, mas também surgem movimentos de luta pela permanência de uma identidade operária e tentativas de resgatar na atualidade as lutas ocorridas no passado. É necessário multiplicar esses esforços, a partir de uma perspectiva mais ampla de preservação desses espaços, mas também de divulgação de sua história.

Referências Bibliográficas

- AVELINO, Yvone Dias. A Criação da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas no Processo da Imigração Portuguesa em São Paulo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, jul. 2011.
- BARTZ, Frederico Duarte. *Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: Ideias Revolucionárias e Projetos Políticos dos Trabalhadores Organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1917 e 1922*. Tese de Doutorado, UFRGS, 2014.
- BARTZ, Frederico Duarte. Os Caminhos Operários e a Memória da Classe Trabalhadora em Porto Alegre. *Revista História e Luta de Classes*, vol. 28, Marechal Cândido Rondon, set. 2019.

- BIONDI, Luigi. A Greve Geral de 1917 em São Paulo e a Imigração Italiana: Novas Perspectivas, *Cadernos AEL*, vol. 15, n. 27, Campinas, jun.-dez. 2009.
- COTRIM, Renata. Trabalhadores e a Luta por Memória: a Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas. *Revista Clio Operária*. São Paulo, 31 ago. 2020.
- DE PAULA, Amir El Hakim. *A Relação entre o Estado e os Sindicatos sob uma Perspectiva Territorial*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- DE PAULA, Amir El Hakim. São Paulo, 1917: Os Operários Fizeram História... e Também Geografia! In: *A Greve Geral de 1917: Perspectivas Anarquistas*. São Paulo: Terra Livre, 2017.
- DEL ROIO, José Luiz. *A Greve de 1917: Os Trabalhadores Entram em Cena*. São Paulo: Alameda, 2017.
- FRACCARO, Glaucia. *Os Direitos das Mulheres: Feminismo e Trabalho no Brasil (1917-1937)*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.
- HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil: Das Origens aos Anos Vinte*. São Paulo: Global, 1982.
- HARDMAN, Francisco Foot. Lyra da Lapa: Acorde Imperfeito Menor. *Remate de Males*, vol. 5, Campinas, fev. 1985.
- LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta: A Greve Geral de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.
- MARCHEZIN, Lucas. A Cidade em Alvorço: São Paulo na Época da Greve de 1917. In: *A Greve Geral de 1917: Perspectivas Anarquistas*. São Paulo: Terra Livre, 2017.
- PEREIRA, Verônica Sales. Memória Industrial e Transformações Urbanas na Virada do Século XXI: Os Casos do Brás, Mooca, Belenzinho e Pari. *INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*. vol. 2, n. 4, São Paulo, ago. 2007.
- RAGO, Luzia Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- REBÉRIOUX, Madeleine. Os Lugares da Memória Operária. In: *O Direito à Memória. Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico, 1992.

MOURO

ISSN 2175-4837

SCIFONI, Simone. Lugares de Memória Operária na Metrópole Paulista. *GEOUSP Espaço e Tempo*, vol. 17, n. 1, São Paulo, abr. 2013.

TOLEDO, Edilene. Guarulhos, Cidade Industrial: Aspectos da História e do Patrimônio da Industrialização num Município da Grande São Paulo. *Revista Mundos do Trabalho*. vol. 3, n. 5, Florianópolis, jan.-jun. 2011.